



Sistematização do tempo comunidade do curso de Educação e Agroecologia *Systematization of community time in the Education and Agroecology course*

MOTA, Gabriela Almeida¹; KOCH, Helena Beltrão¹; ANTUNES, Gabriella Marília¹; JANTALIA, Eduardo Kobylansky¹; LOPES, Paulo Rogério¹; ARAÚJO LOPES, Keila Cássia¹, MORGAN, Lunamar Cristina, MARX, Alan Francisco¹

¹ Integrantes do Projeto Tecendo saberes socioambientais com educadoras do campo, das ilhas, das cidades e das florestas UFPR Litoral, gabe-mota@live.com; agroecologialedes@gmail.com, keilacassia2020@gmail.com.

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O relato tem como objetivo apresentar a experiência das atividades do tempo comunidade propostas durante o curso de Educação e Agroecologia realizado em 2022, de forma híbrida e metapresencial, promovido pelo projeto de extensão Tecendo Saberes do curso de Tecnologia em Agroecologia da UFPR – Setor Litoral em Matinhos, Paraná, em parceria com o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG/Carangola, Minas Gerais. O curso aconteceu no período de seis meses com foco em educadoras/es e agentes de desenvolvimento local. A atividade em questão foi o mapeamento de quintais produtivos feito por essas/es educadoras/es e agentes, em cada localidade em que estão inseridas/os, trazendo suas perspectivas, saberes, impressões e experiências agroecológicas acerca do contexto em que vivem e/ou atuam.

Palavras-chave: quintais produtivos; pedagogia da alternância; metodologias participativas.

Contexto

O curso Educação e Agroecologia promovida pelo projeto de extensão Tecendo Saberes com Educadoras (es) do Campo, das Florestas, das Cidades e Agentes de Desenvolvimento Local aconteceu no segundo semestre de 2022 em sua segunda edição, esta edição de forma remota em parceria estabelecida entre a Universidade Federal do Paraná - UFPR Litoral com o curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/Carangola.

No curso foram abordadas questões socioambientais com o objetivo de auxiliar na agroecologização dos espaços de aprendizagem, considerando o território e contextos de cada participante, o referido curso de extensão contou com participantes de quatro estados brasileiros, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que possuíam formações diversas e interdisciplinares, conforme pode se observar na Figura 1 (76% eram educadores):



Você é:
33 respostas

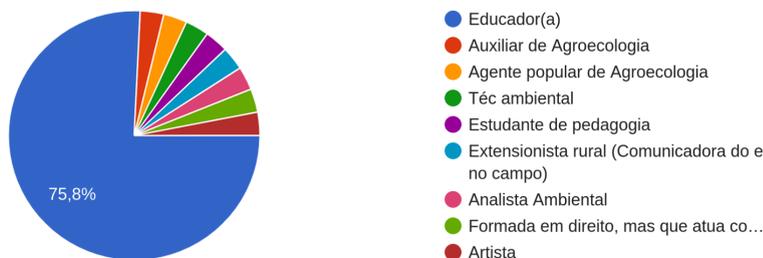


Figura 1 - Atuação profissional das/dos participantes do curso

Foram trabalhadas durante o período do curso assuntos que perpassam o processo de agroecologização de espaços de aprendizagem, como os princípios da educação do campo e da Agroecologia, ferramentas de diagnóstico rural participativo assim como as metodologias participativas, problematização da realidade local, produção agroecológica em quintais produtivos e quintais produtivos urbanos, práticas agroecológicas e saúde do solo, agroecologia nas escolas, segurança e soberania alimentar, saberes e sabores tradicionais através do estudo com as plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e para finalizar foram trabalhadas algumas ferramentas de sistematização e avaliação do curso junto às/aos educadoras/es.

Descrição da Experiência

O curso aconteceu por meio da pedagogia da alternância que consiste na organização do trabalho pedagógico com a fluência do cotidiano de uma comunidade, onde as relações de trabalho, família e escola se encontram em constante coexistência. Na prática a alternância se divide em dois momentos, são eles o “tempo comunidade” onde as/os educandas/dos desenvolvem suas práticas habituais como agricultura, pesca, artesanato, militância em organizações e movimentos, as práticas culturais, religiosas, de lazer e etc. e o “tempo escola”, que são as ações educativas que acontecem em espaços institucionais. A formação em alternância possibilita a organização dos processos educativos fundamentados na realidade vivida por educandas/os e educadoras/es, considerando principalmente as escolas do campo, quilombolas e indígenas, relacionando intimamente a teoria no tempo escola à prática do tempo comunidade onde podem ser debatidas as problemáticas, as diferentes culturas, os limites e as potencialidades das comunidades. Nesta perspectiva, a escola ganha um caráter especial de ferramenta de luta, enfrentamentos de dificuldades e conquistas nas diversas comunidades, onde os debates ficam longe de se tornarem distante de suas existências, acabam se tornando peça fundamental para o entendimento, afirmação e protagonismo das diversidades de identidades, aproximando conceitos sociais, políticos, culturais, ambientais e econômicos com base na cooperação e nos princípios da agroecologia e da educação não bancária e sim libertárias, onde as representações culturais são



responsáveis pela construção de um povo, sendo assim, a cultura é memória e ela deve compor os espaços educativos (FREIRE; NOGUEIRA, 2009).

O tempo escola ocorreu através dos encontros mensais no período de julho a dezembro de 2022 de forma remota, mediados pelo professor Paulo Lopes (UFPR) e pela professora Keila Cassia (UEMG) juntamente com as/os estudantes educadores mediadores do curso de Tecnologia em Agroecologia (UFPR) e do curso de Licenciatura em Geografia (UEMG). Nos deparamos com o desafio de promover um curso que aborda assuntos como as metodologias participativas, de forma remota, para além das apresentações de conceitos e de metodologias, utilizamos de meios interativos com cada participante, buscando através de temáticas, poemas, místicas, facilitações gráficas e registros fotográficos que cada uma/um trouxesse um pouco do seu território para dentro de nossas discussões com a intenção de contextualização.

O tempo comunidade ocorreu em duas etapas com atividades em que as/os participantes desenvolviam diagnósticos a partir dos estudos feitos durante os encontros. O primeiro trabalho do tempo comunidade foi a problematização da realidade local, em que consiste numa abordagem investigativa, crítica, reflexiva e analítico-diagnóstica sobre o território e espaço de atuação, levando em consideração sobretudo a relação de cada uma/um com os diversos elementos que o constituem, partindo do pressuposto de suas próprias vivências e entendimentos, desapegando de conceitos e pesquisas bibliográficas, conhecer a percepção e a diversidade de visões de mundos é essencial para que possamos construir processos participativos e diálogos permanentes sobre e para a transição de sistemas e sociedades sustentáveis, tendo como base os princípios da agroecologia, considerando os aspectos econômico, social, cultural, ambiental, ético e político.

Na segunda etapa do tempo comunidade foram abordadas as questões relacionadas ao mapeamento de quintais produtivos onde o objetivo é despertar o interesse e conhecimento do meio em que está inserido, podendo desta forma através dos quintais, compreender melhor a dinâmica familiar, cultural e social. Uma das metodologias utilizadas durante o tempo escola foi a entrevista semiestruturada e que fez parte do trabalho do tempo comunidade, e que proporcionou aos estudantes do curso abordarem para o mapeamento dos quintais.

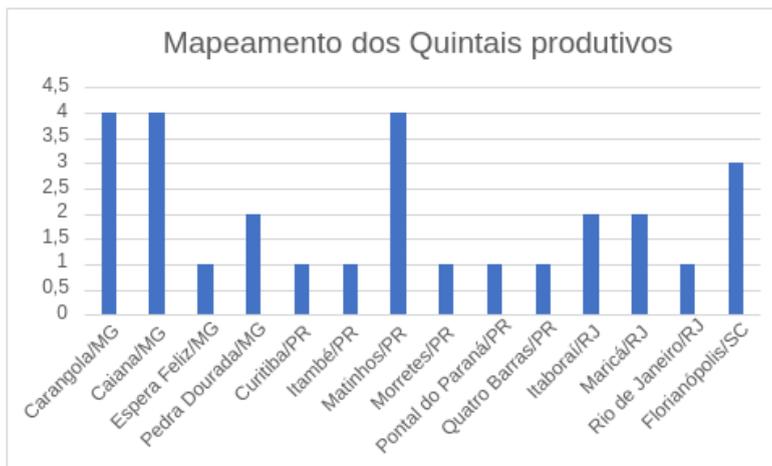


Figura 2. Mapeamento dos quintais produtivos por cidade/estado

Por meio do mapeamento dessas áreas de produção é possível identificar traços sociais e culturais de cada região bem como a relação afetiva de cada pessoa com seu espaço de cultivo.

O quintal produtivo é para além de um espaço destinado à produção de alimentos ou outras culturas vegetais e de criações de pequenos animais, muitas vezes é o único espaço que a pessoa, a comunidade ou o núcleo familiar tem para descansar, conversar e até mesmo conviver em meio à rotina diária, surgindo como um refúgio e um acalento, é um espaço em que as boas lembranças ganham vida, onde é permitido sonhar e exercer práticas de cuidado bem como, às vezes tornam-se meios de geração e/ou aumento da renda familiar e até mesmo atuam como símbolos de soberania e segurança alimentar. Foram mapeados 11 quintais produtivos na zona da mata mineira, 9 no estado do Paraná, 5 no estado do Rio de Janeiro e em Santa Catarina (Figura 2). Sobre os principais usos destaca-se o autoconsumo realizado pelas famílias, com 73,1% (Figura 3)

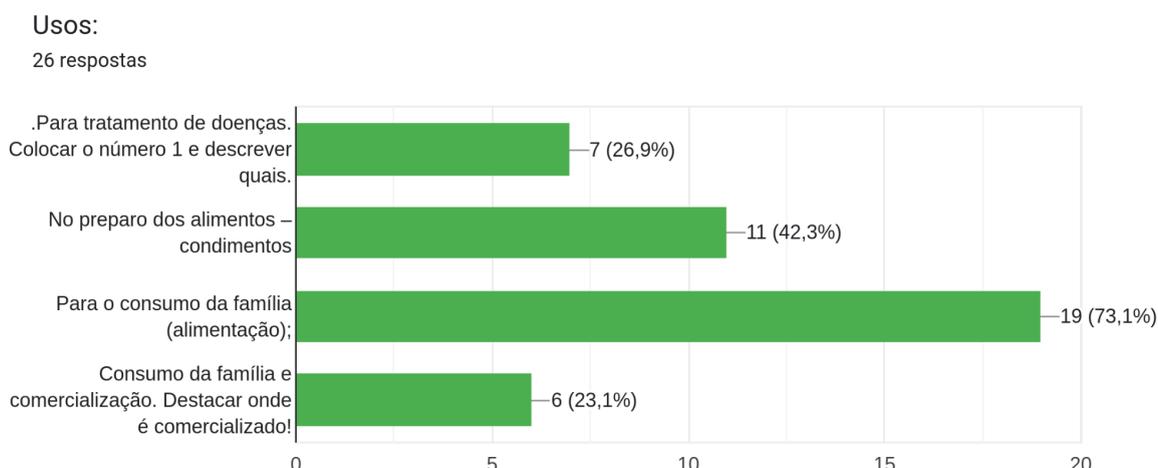


Figura 3. Cultivos dos quintais produtivos e seus usos



Resultados

O formato de avaliação das atividades do tempo comunidade ocorreu através da ferramenta google forms, onde foi feito um questionário estruturado para que as educadoras/es respondessem conforme o seu contexto territorial, de vida e de trabalho. Questões como a problematização dos territórios em relação à agroecologização dos espaços educativos foram levantadas assim como a investigação das próprias atuações perante as dificuldades e potencialidades listadas por cada uma e cada um das/dos participantes, buscando sempre relacionar com o bioma de cada território na tentativa de identificar nesses meios, práticas agroecológicas e/ou tecnologias sociais, seja em espaços de aprendizagem ou em quintais produtivos.

O propósito do curso é trazer à tona a investigação crítica em relação à atuação de educadoras/es e agentes de desenvolvimento local em seus territórios, em busca de uma transição agroecológica nos espaços de aprendizagem. Um dos principais resultados para além de técnicas e metodologias, é a sensibilização em questões que permeiam a vida com o olhar dos princípios da agroecologia. Dialogar com as/os participantes de diferentes estados, regiões e biomas sobre a complexidade de existência que são nitidamente diversos mas, que tanto nas dificuldades quanto nas potencialidades em algum ponto conversam é muito precioso, essa troca se faz com sentido, nem toda técnica de manejo do solo utilizada no Paraná vai caber para o solo da Bahia, por exemplo, mas, a riqueza de conhecer as realidades perpassa por todos os estados, onde a diferença é apenas um ponto que agrega as discussões (Figura 4).

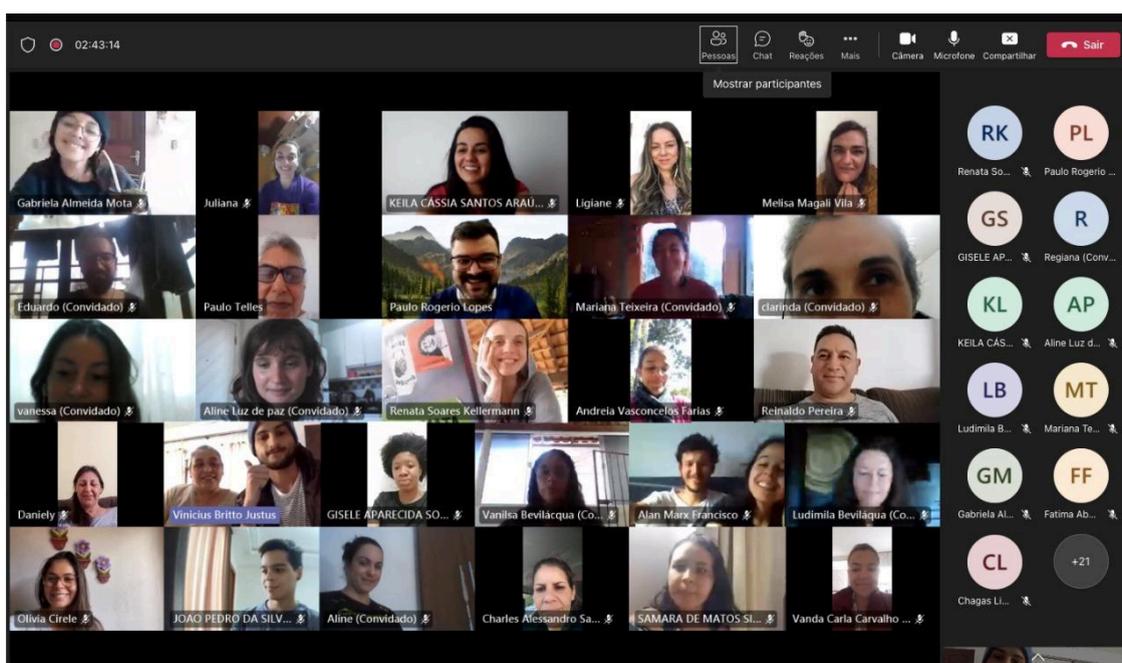


Figura 4. Registro do final de um dos encontros do curso



Agradecimentos

Este relato traz a experiência do curso Educação e Agroecologia, idealizado e organizado pelos projetos de extensão Tecendo Saberes Socioambientais Com Educadoras Do Campo, Das Ilhas, Das Cidades E Das Florestas e o projeto Tecnologias Sociais para Promoção da Segurança e Soberania Alimentar – Pesquisa, Troca de Experiências e Vivências Agroecológicas no Litoral Paranaense. Os quais fazem parte fundamental e especial na minha caminhada pela graduação no curso de agroecologia, um agradecimento especial ao professor e orientador Paulo Lopes por nos manter firmes nos propósitos enquanto coletivo e por nunca deixar de acreditar no potencial das/dos estudantes sempre às/os colocando em protagonismo nas construções do conhecimento agroecológico. Agradeço às colegas e aos colegas dos projetos por serem tão responsáveis e comprometidos com os projetos e uns com os outros. Agradeço à professora Keila Cássia Araújo Lopes por também estar sempre muito disposta e comprometida, sua presença sempre foi muito inspiradora e agregadora.

Referências bibliográficas

FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. **Que fazer: teoria e prática em educação popular.** Petrópolis: Vozes, 2009.